Primo Levi e as chaves da ciência

Primo Levi e le chiave della scienza

Maurício Santana Dias[*]
Universidade de São Paulo

Resumo

Uma das tópicas recorrentes em toda a obra de Primo Levi, mesmo em sua "literatura de testemunho", é a tentativa de integrar a cultura científica e a cultura humanística, ou mais propriamente literária. A partir de uma leitura de três ensaios seus, este breve artigo pretende acompanhar algumas de suas argumentações em defesa desse amplo projeto intelectual.

Palavras-chave: literatura, testemunho, cultura científica, cultura humanística

Riassunto

Uno degli argomenti ricorrenti in tuttal'opera di Primo Levi, anche nella sua "letteratura di testimonianza", è il tentativo di integrare la cultura scientifica e la cultura umanistica, o piuttosto letteraria. A partire da una lettura di tre dei suoi saggi, questo breve articolo intende accompagnare alcuni dei suoi argomenti in difesa di questo ampio progetto intellettuale.

Parole chiave: letteratura, testimonianza, cultura scientifica, cultura umanistica

● **Enviado em: 09/07/2018**
● **Aprovado em: 31/07/2018**

[*] Fez mestrado em Teoria Literária na UFRJ e foi professor de Literatura Portuguesa na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Mudou-se para São Paulo em 1998, onde concluiu em 2002 o doutorado em Teoria Literária, na Universidade de São Paulo (USP). Nesse período, foi ainda pesquisador visitante da Georgetown University, em Washington, e trabalhou na Folha de S. Paulo, primeiro como correspondente em Buenos Aires e depois como editor-adjunto do caderno *"Mais!"*. Em 2003 ingressou como professor de Literatura Italiana na USP e em 2008 e 2009 fez pós-doutorado em Italianística na Università degli Studi di Roma La Sapienza. Suas traduções de *O mal obscuro* e de *40 novelas de Pirandello* foram finalistas do Jabuti. Em 2008, o volume *40 novelas de Pirandello* (Companhia das Letras) recebeu o Prêmio Paulo Rónai da Fundação Biblioteca Nacional.

Você se move num espaço de divagação inteligente, às margens de um panorama cultural-ético-científico que deveria ser o da Europa em que vivemos. Talvez eu goste de seus contos sobretudo porque eles pressupõem uma civilização comum sensivelmente diversa daquela pressuposta por tanta literatura italiana.
Carta de Italo Calvino a Primo Levi, 22/11/1961[1]

Falar sobre as relações entre literatura e ciência na obra de Primo Levi, químico de profissão que se descobriu escritor-testemunha com o livro *Se questo è un uomo* [1ª ed. 1947], no qual descreve e analisa sua experiência de judeu em Auschwitz, não é uma tarefa simples nem passível de ser tratada em poucos minutos. Mas tentarei esboçar aqui algumas ideias a propósito desse tema – as *duas culturas* – tomando como ponto de partida três ou quatro artigos e conferências escritos pelo próprio Levi entre os anos de 1970 e 1980.

Começo citando uma declaração dele extraída de uma conferência apresentada em 1976, "Lo scrittore non scrittore": "Sou químico. Aportei na categoria de escritor porque fui capturado como *partisan* e terminei num campo de concentração como judeu."[2]

A uma primeira leitura, o enunciado seco parece claro como um cristal, expresso com aquela evidência típica do estilo Levi. Mas a frase não é tão simples quanto parece, porque entre ser antes de tudo um químico e depois, secundariamente, um escritor há de permeio a experiência do Lager, que em grande medida subverteu os dois termos aparentemente opostos, ou seja, o do cientista e o de homem de letras, digamos assim. Não há dúvida de que Primo Levi, que também foi um notável químico especializado na composição de vernizes, hoje é reconhecido como um dos maiores escritores do século XX. Sendo assim, sua declaração acima citada oculta ou encerra uma *figura* que aparecerá em quase todos os seus livros e escritos, quase como se derivasse imediatamente de uma *forma mentis* que lhe é própria: refiro-me ao quiasmo, a expressão cruzada do pensamento já examinada por seus melhores crítico, como Marco Belpoliti e Mario Barenghi.

De fato, no último parágrafo de "Scrittore non scrittore", depois de ter feito uma breve exposição de seu percurso de escritor e cientista, Levi reitera esta ideia do cruzamento em quiasmo e afirma:

> O meu químico, portanto, também tem uma longa sombra simbólica; medindo-se com a matéria através de sucessos e insucessos, ele se parece com o

1 CALVINO, Italo. *Cartas (1940-1985)*. Seleção, introdução, tradução e notas de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras. No prelo.

2 LEVI, Primo *A assimetria e a vida: artigos e ensaios (1955-1987)*. Organização de Marco Belpoliti; tradução de Ivone Benedetti.São Paulo: Editora Unesp, 2016. p. 169.

> marinheiro de Conrad, quando se mede com o mar [...] Por isso, como disse várias vezes, mas repito hoje, costumo responder a quem me pergunta "por que você é químico e escreve": "escrevo porque sou químico".[3]

A provocação é evidente, sobretudo em um tempo – o de Levi, que em parte ainda é o nosso – dividido entre "as duas culturas", ou seja, a das chamadas ciências exatas e a dos *studia humanitatis* ou ciências humanísticas, abordado na célebre conferência de Charles P. Snow (também ele um cientista – era físico – escritor) proferida em 1959[4]. Para Levi, como se vê, os dois campos são indissociáveis, se cruzam reciprocamente, tanto é que seus artigos científicos sempre são entranhados de metáforas e de analogias tiradas da literatura, assim como analogias e metáforas costumam invadir seus escritos literários.

Disto isso, passo imediatamente à leitura e ao breve comentário de três textos que remontam aos últimos anos de vida do escritor turinense e que me parecem centrais para a abordagem das complexas relações entre as "duas culturas" em Levi. São eles: "Il brutto potere" (de 1983), "Con la chiave della scienza" (de 1985) e "L'asimmetria e la vita" (de 1984), que dá títuloà antologia de ensaios organizada por Marco Belpoliti.

"Il brutto potere", artigo publicado pela primeira vez no "Notiziario Banca Popolare di Sondrio" (fato curiosíssimo), parte de uma ideia contida nos famosos versos de Giacomo Leopardi no poema "A se stesso", citados em epígrafe: "Al gener nostro il fato/ non donò che il morire. Omai disprezza/ te, la natura, il brutto/ poter che, ascoso, a comun danno impera,/ e l'infinita vanità del tutto".Passo a palavra a Levi, que assim comenta os versos leopardianos:

> No, ele [o *brutto potere*] se mostrainconteste e evidente (não "oculto", enfim) a quem quer que tenha travado a velha batalha humana contra a matéria. Quem o fez, pôde constatar com os próprios sentidos que, senão o universo, pelo menos este planeta é regido por uma força não invencível, mas perversa, que prefere a desordem à ordem, a mistura à pureza, o emaranhado ao paralelismo, a ferrugem ao ferro, o amontoado ao muro e a estupidez à razão.[5]

Todavia, logo em seguida, Levi contrapõe ao "brutto potere" a tendência – também esta natural e "própria da matéria vivente" – de tudo conservar-se igual a si mesmo, contra o processo da degradação e da morte: aquilo que, em termos científicos, tem o nome de *homeostasia*.

É verdade que essa tendência ao equilíbrio, favorecida pela homeostase, não se sustenta a logo prazo, ou "sulle lunghe distanze", como observa Levi: "'a vida' dá um jeito de

---

3 *Idem.* p. 174-175.

4 Na edição brasileira:*As duas culturas e uma segunda leitura*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza e Renato de Azevedo Resende Neto. São Paulo: Edusp, 1995.

5 Idem, p. 226.

lhe fazer outro, um medroso, um indolente, um avarento, um depravado, um hipocondríaco, porque, de tanto roer, destruiu suas defesas".[6] O sonho de uma homeostase eterna e perfeita está na base das ciências e das técnicas modernas, que buscam em seus motores e instrumentos esse equilíbrio não degradável. Os exemplos listados por Levi, todos precários, vão da máquina a vapor de Watt (1787) aos modernos termostatos da indústria de três décadas atrás.

O último parágrafo do artigo, no entanto, sai da dimensão científica, ou melhor, dessa luta contínua entre o homem e a matéria, para entrar no âmbito específico da política, que obviamente remete à questão dos totalitarismos no século XX. Diz o autor:

> O sonho dos políticos de todos os tempos é criar mecanismos de homeostasia capazes de manter saudável ou pelo menos vivo o regime no qual acreditam, mas as sociedades humanas são tão complexas, os parâmetros em jogo são tão numerosos, que esse sonho nunca se realizará.[7]

O balanço final de Levi não é certamente otimista. E o texto se encerra de modo paradoxal, com uma mirada ao presente (estamos em 1983), em que comparecem duas metáforas tiradas da medicina:

> As tiranias de hoje tendem a conservar-se indefinidamente numa espécie de *esclerose* e só cedem se derrubadas por atos militares ou se sobrepujadas por outra tirania; o excesso de liberdade, ou seja, a permissividade, não gera tiranias, mas se prolonga como *gangrena*. O mal-estar que pesa sobre nós nestes anos nasce disso: já não percebemos forças de retorno, homeostasia, retroalimentação. O mundo parece-nos avançar para alguma ruína, e nos limitamos a esperar que o avanço seja lento.[8]

No ensaio "A assimetria e a vida", Levi retorna ao tema da forma não simétrica prevalecente na matéria viva e também em certos compostos minerais, como o quartzo. O argumento central, agora tratado de modo mais extenso, numa linguagem mais técnica, retoma a tese de graduação do jovem químico, dedicada ao curioso fenômeno que se verifica em quase todas as moléculas e nos aminoácidos, qual seja: o fato de que "os protagonistas do mundo vivo (proteínas, celulose, açúcares, DNA) são todos assimétricos", e que "a assimetria direita-esquerda é intrínseca à vida; coincide com a vida; está presente, infalivelmente, em todos os organismos, dos vírus aos liquens, do carvalho ao peixe e ao homem".[9]

6 Idem, p. 227.
7 Idem, p. 229.
8 Idem, ibidem.
9 Idem, p. 237.

Dessa fascinante descoberta científica, que remonta a fins do século XIX, Primo Levi pretende compreender o porquê ou, como queria Aristóteles, sua causa final e eficiente. Em poucas palavras, a assimetria, ou mais especificamente aquela forma assimétrica que foi denominada *quiralidade* – "como é fácil dar nomes gregos às coisas não entendidas! Depois, parece que ficam mais compreensíveis"[10], ironizava Levi –, intrínseca a toda matéria vivente, é ao mesmo tempo uma estrutura demasiado frágil e fácil de ser cancelada. "Basta um aquecimento prolongado", esclarece Levi,

> ou o contato com determinadas substâncias de ação catalítica para destruí-la; com relativa rapidez uma das metades do composto assimétrico se transforma em seu antípoda [...] Com extrema lentidão (em escala de milênios),esse processo também ocorre espontaneamente e em temperatura ordinária, tanto que é usado para datar achados arqueológicos que no passado tenham feito parte de organismos vivos [...]: quanto mais avançada estivar a destruição da assimetria, mais velho seráo objeto.[11]

E mais uma vez Levi compara esses longuíssimos processos a um gênero literário primevo, aproximando o mundo da natureza e o mundo da cultura, história do universo e epopeia. Cito:

> [Trata-se de] uma longuíssima Ilíada, uma silenciosa disputa de milhões de anos entre a vida direita e a vida esquerda, entre si inimigas e incompatíveis; e por fim, na falta de uma retroalimentação, a progressiva prevalência da vida esquerda até a situação atual: assim, a enigmática presença dos aminoácidos direitos na pele das rãs poderia ter o sentido de uma minúscula sobrevivência.[12]

Antes de passar ao texto "Con la chiave della scienza", que é de fato uma homenagem póstuma a Italo Calvino, publicada no jornal turinense *La Stampa* em 20 de setembro de 1985 – portanto, um dia após a morte do amigo –, gostaria de citar uma última passagem do ensaio sobre a assimetria, em que de modo semelhante recorre a metáfora da chave. Levi está refletindo sobre as dificuldades do químico diante dessas defasagens da matéria quando afirma a certa altura:

> As misturas inativas que o químico obtém nunca são exatamente *fifty fifty*: há sempre um desequilíbrio, da ordem de um em 1 bilhão de bilhões, mas infalível. É pequeno, mas também é pequena a *chave* de uma caixa-forte que contenha uma tonelada de diamantes.[13]

10 Idem, p. 240.
11 Idem, p. 239.
12 Idem, p. 242-243.
13 Idem, p. 244, grifo meu.

Finalmente, na homenagem a Calvino não por acaso intitulada "com a chave da ciência", o autor de *I sommersi e i salvati* fala do "vínculo tênue e ao mesmo tempo profundo" entre os dois escritores e amigos. Ambos tinham começado juntos, no mesmo ano de 1947: Calvino, com *Il sentiero dei nidi di ragno*, Levi, com *Se questo è un uomo*. Além dessa coincidência de datas, os aproximava um sentido de *fratellanza* derivado seja das vicissitudes comuns durante a Resistência (Calvino também foi *partigiano*), seja a paixão pela ciência, seja a cultura humanística. Diz Levi:

> Filho de cientistas, Italo, caso isolado na cena italiana, tinha fome de ciência. Cultivava-a, alimentava-se dela como diletante culto e crítico, e com ela alimentava seus livros mais maduros. Para ele, natureza e ciência eram uma coisa só: a ciência como lente para enxergar melhor, como chave para penetrar, como código para entender a natureza. Nada em sua natureza é lírico ou idílico; no entanto, era um grande poeta da natureza, ainda que em negativo [...].[14]

Assim, para concluir este artigo-relâmpago, fica a impressão de que a imagem mais eloquente e viva desses dois escritores, desaparecidos em um intervalo de menos de dois anos, seja a da mediação e da meditação prolongada entre "as duas culturas". Ainda que em negativo.

[14] Idem, p. 274.